

Carta de Vladimir Herzog a Sérgio Muniz

Londres, 27 de novembro de 1966

Londres 27-11-1966

Caro Sérgio.

Acabo de falar pelo telefone com o Geraldo e o Pallero, que se encontram em Paris e apresso-me em lhe escrever por uma razão muito simples: o baiano me passou uma bruta esculhambação dizendo que há séculos não recebe carta minha. Diga-se de passagem que estava nervosíssimo, alegando “esgotamento físico” por causa do festival, frio, fome e não sei mais quais das sete pragas do Egito. Na minha opinião tudo se resume numa só palavra: matutice, pois, como você mesmo disse, bicho do mato não gosta de sair da toca. Recusou terminantemente meu convite para vir a Londres (eu me dispus a lhe pagar inclusive a passagem) dizendo que estava louco para voltar. O Pallero, por sua vez, irá ainda a Roma para reencontrar o Birri. Pareceu-me muito otimista quanto às possibilidades de trabalho aí no Brasil. Eu faço figa para que todos os planos de vocês deem certo. Mas, voltando ao assunto Geraldo, eu não entendo por que ele não recebeu minhas últimas cartas. Não deixei sem resposta nenhuma das cartas dele, tendo mandado geralmente ao seu endereço (em cartas destinadas a ambos) ou aos cuidados da Fotoptica. Você não lhe mostrou as que lhe mandei, inclusive uma extensa escrita logo depois do meu regresso da Alemanha contando tintim por tintim o bolo que deu em Mannheim e outros assuntos? Bem, o fato é que, no fim da conversa, talvez fiquei também um pouco irritado com o tom “queimado” do Geraldo, e pesguei-lhe uma xingação (amável, é claro). De modo que peço-lhe para que lhe transmita meu pedido de desculpas. Mais tarde, pensando “a frio”, compreendi a situação dele, pois eu mesmo, embora não participando de nenhum júri, fiquei com os nervos à flor da pele em certos momentos, lá em Mannheim e em outros festivais. O Geraldo disse que estava parlamentando com Fourchignone & Cia. Saiu algo de concreto dessas conversas? O Pallero não me deu certeza se ainda passaria em Londres, mas prometeu tentar desdobrar a passagem dele. O diabo é que só hoje me chegou o cartão deles informando da presença de ambos em Paris. E como é sábado, os bancos fechados, estou sem tutu para comprar passagem. Senão – apesar de andar numa pindura dos diabos – tentaria dar um pulo até Paris para abraçá-los e matar saudades.

Ah, e por falar nisso, ultimamente ando novamente com a mosca azul da volta ao Brasil. É que, com o frio e a falta de dinheiro, desperta a consciência da vida medíocre que venho levando. O que se soma a cartas de vocês contando coisas que fazem, o que aumenta minha impaciência. Não fosse a falta de tutu e a incerteza quanto ao futuro imediato no Brasil, e eu já mandaria a BBC à merda. Meu colega Nemércio, que navega neste momento para o Brasil, está lhe levando um roteiro de *The War Game*, a fita sobre a qual já lhe escrevi muito. O seu diretor, com o qual fiz amizade, acaba de rodar seu primeiro longa-metragem, intitulado *Privilege*, que é uma desmitificação e denúncia da indústria do iê-iê-iê. Conte-me depois o que acharam da leitura de *The War Game*. Já falou com o Rudá a respeito do assunto que sugeri? Se o Nemércio não lhe entregar (na Fotoptica) até o dia 15/12, telefone para ele: 51-2420. E por favor observe religiosamente as

instruções que mandei anexo. Em janeiro irá para aí um rapaz da BBC, que é cameraman, técnico de som e montador experimentado. Chama-se Bruce Wayne. Disse-lhe que o procurasse. Velho, o papel (desculpe, mas não tinha outro) acabou. Um abraço e recomendações especiais à Amazonas, Vlado